

# Revelar outras faces de Brasília

Sempre me interessei muito pela memória de Brasília. Como só cheguei a cidade em 1970, minha primeira curiosidade foi descobrir os anos pioneiros (1956 a 1960) e a década da consolidação. Ao integrar-me à equipe que fez o "nanico" **Cidade Livre**, pude, com ajuda do poeta e jornalista Luiz Carlos Machado, mergulhar na história dos primeiros anos. Durante meses, corremos atrás de um morador do Núcleo Bandeirante, que fora o anfitrião de Luiz Gonzaga, o sanfoneiro, em suas passagens pelos forró da Cidade Livre. Outro dia, passávamos horas conversado com Joaquim Cândido Garcia Neto, líder do Movimento Pró-Urbanização e Fixação do Núcleo Bandeirante. A cada encontro, um pedaço da história de Brasília.

Luiz Carlos Machado, por sua vez, desde o tempo de universidade, nos catequiza: para se compreender Brasília é preciso interessar-se por seu lado místico. A cidade, por muitos definida como capital do Terceiro Milênio, congrega seitas e movimentos esotéricos dos mais diversos. Da Cidade Eclética ao Vale do Amanhecer, de terreiros de umbanda a praticantes da quimbanda, de candomblecistas a adeptos de bruxarias. Tudo passando por uma expressiva paixão por restaurantes e clínicas naturais.

Na medida do possível, tentei conhecer o movimento místico-alternativo brasiliense, mesmo que a militância estudantil me distanciasse muito do que — marxistas convictos — definíamos como "práticas alienantes". Do outro lado, sabíamos, os "esotéricos" também viam os "marxistas" como "alienados de esquer-

da", que faziam do culto ao sofrimento por um amanhã que ninguém sabia se viria, o seu motor histórico.

A semente plantada por Luiz Machado deu frutos. Como repórter, sempre tentei compreender as muitas Brasília. Mesmo na fase de "nativismo extremado" do CUCA (Movimento Candango de Dinamização Cultural), que em sua paixão cega por Brasília, pregava sua tombamento como "patrimônio universal da Humanidade", etc e etc.

Pouco resta daquele nativismo. Brasília e Oscar Niemeyer, que era nosso deus, são hoje mitos de pés de barro, sujeitos a mil e uma críticas. Só uma paixão permaneceu: o interesse em desvendar faces menos conhecidas da cidade.

Foi por isso que, meses atrás, pautamos uma série de matérias sobre experiências alternativas em Brasília — passado, presente e futuro. A parte relativa à memória acabou sobrando para mim, que, por menos que queira, tenho vocação para Pró-Memória.

Quando pus-me a campo, para colher os depoimentos que ajudariam a compor a história da Guariroba, tive um primeiro contato, muito revelador, com o poeta Tetê Catalão. Tetê é uma figura singular, capaz de viver a fundo a experiência alternativa, e ao mesmo tempo, analisá-la com olhos críticos. Foi ele que me recomendou os nomes fundamentais no processo de reconstituição da experiência que percorreu os anos de 73, 74 e se desestruturou em 75: Roberto Pinho, Luis Pontual, Verinha Lessa, Fabricio Pedrosa, Wanderley Pinho e o professor Agostinho da Silva, mentor intelectual de sonhos

que floresceriam em comunidades rurais alternativas, verdadeiras trapas.

A memória de Tetê não era pródiga em dados preciosos: quantos hectares tinha a fazenda? onde ficava? quantos residiram lá?

O encontro com Verinha foi o mais produtivo. Ela, como poucos, guardou a memória de Guariroba, embora não tenha dados precisos, que tanto agradam a jornalistas: nome dos participantes, idade, profissão, datas, etc. Foi ela, porém, que melhor definiu os princípios que guiaram o movimento.

Wanderley Lopes, o terceiro personagem de nossa reportagem, é uma figura fascinante. Alegre, brincalhão, ele, que parece ter nascido para editar livros, jornais ou revistas alternativas, deu sua visão do processo, falou de divergência que hoje o distancia um pouco de Roberto Pinho, criticou o uso de adubo químico numa fase da Guariroba, e terminou o seu depoimento com astral dos mais positivos.

O arquiteto Fabricio Pedrosa, hoje envolvido com o Instituto de Tecnologia Alternativa, depois de viagens pela África, onde desenvolveu importante trabalho para a Unesco, com arquitetura popular, falou de suas lembranças da Re-Fazenda e encerrou o encontro com um delicioso almoço.

Falar com Roberto Pinho, o líder do projeto Guariroba, é tarefa quase impossível. Hoje, ele é secretário de Governo da Prefeitura de Salvador, espécie de eminência parda do prefeito Mário Kertsz, e trabalha como um louco. Para entrevistá-lo, em Salvador, meses atrás tive que sentar-me com ele nas escadarias da

nova Prefeitura, construída no coração da Velha e barroca Bahia pelo arquiteto Lelé Filgueiras, às 24 horas de uma noite morna. Conversamos até as duas da manhã, e o papo sofreu, no mínimo, cinco interrupções. Pinho participava, em pessoa, do acabamento final da prefeitura que seria inaugurada às 17h de sexta-feira. João Santana, o Paty-nhas, compositor e assessor de imprensa de Kertsz, outro que trabalha incansavelmente, comentou comigo, em duas ou três ocasiões (encontros rápidos em aeroportos ou conversas telefônicas): "Pinho gostará de lembrar a Guariroba. É uma experiência que valoriza muito". Porém, não encontramos tempo para a conversa.

Luis Pontual, engenheiro da Delta Engenharia, é outra fonte importante do processo. Falamos com ele, várias vezes, por telefone. Nossa última conversa chegou a um impasse. Ele entendia que a matéria deveria girar em torno do professor Agostinho da Silva, o mentor de todo o sonho da Guariroba. Só que o professor Agostinho vive hoje em Portugal e há muito mar e muitos empréstimos compulsórios — a nos separar. Pontual prometeu não medir esforços para que entrevistássemos o professor Agostinho. Sua sinceridade e respeito pelo mestre foram tantos, que pensei estar tomando, com minha tentativa de lançar um texto jornalístico sobre a Guariroba, o caminho errado. Pensei bem e decidi que, para o espaço do jornal, que no dia seguinte embrulha mandiocas na feira, meu caminho era satisfatório: contar a história da Re-Fazenda, através de alguns de seus personagens. (MRC)